

SABERES, PENSAMENTO CRÍTICO E SUPERIORIDADE COGNITIVA:

caminhos para mitigar a era da pós-verdade, polarização política e a guerra híbrida

Ali Kamel Issmael Júnior *

O avanço tecnológico e a digitalização das comunicações não inauguraram uma era de esclarecimento, mas sim um período de incertezas, excesso de informação e instabilidade nas relações e estruturas sociais. Zygmunt Bauman (2001) denominou esse cenário de “modernidade líquida”, caracterizado pela fragmentação política, social e cognitiva. Nesse ambiente, emerge a pós-verdade, em que emoções e crenças pessoais prevalecem sobre os fatos objetivos na formação da opinião pública. Esse fenômeno contribui para o aumento da polarização política e ideológica, dificultando o diálogo racional e a construção de consensos (Keyes, 2004; D’Ancona, 2017), como representado na ilustração ao lado.

O contexto atual favorece estratégias de manipulação informacional características das guerras híbridas, que combinam revoluções coloridas⁽¹⁾ e guerras não convencionais, tendo as narrativas como elemento central de desestabilização sociopolítica (Korybko, 2018). Nesse cenário, o pensamento crítico assume um papel fundamental como forma de resistência cognitiva, ética e social (Lima Martins, 2025). Este artigo, portanto, analisa como os saberes estruturantes, o pensamento crítico e a superioridade cognitiva podem mitigar os efeitos da pós-verdade e da polarização política,

além de fortalecer a defesa contra ameaças híbridas à sociedade.

OS SABERES E A ESTRUTURA COGNITIVA DA SOCIEDADE

Para compreender os mecanismos que sustentam a disseminação da pós-verdade e da polarização política, é fundamental analisar os diversos tipos de saber que estruturam a cognição social. Nagashima (2025), inspirado pela epistemologia da complexidade, propõe uma classificação essencial: senso comum,

saber religioso, saber filosófico e saber científico, conforme descrito no quadro da página seguinte.

A relação entre sujeito e objeto (S-O) no saber filosófico foi tratada de formas diversas ao longo da história, desde Descartes até Foucault, refletindo diferentes compreensões sobre como a consciência interage com o mundo. Essa interação é influenciada por

fatores históricos, sociais e materiais, o que evidencia a complexidade do conhecimento humano sobre a realidade. Quando o próprio sujeito se torna objeto de manipulação – como nas revoluções coloridas que utilizam técnicas psicológicas e guerra de informação (Korybko, 2018) –, essa relação adquire um caráter político e estratégi-



Pós-verdade e a polarização política
Ilustração gerada pelo autor no ChatGPT

TIPOS DE SABERES

(Nagashima, 2025)



SENSO COMUM

Empírico, cotidiano e funcional, útil para a sobrevivência social. No entanto, apresenta limitações por ser acrítico, baseado em tradições e generalizações. Seu problema não é existir, mas ser absoluto em situações que exigem pensamento crítico.



SABER RELIGIOSO

Baseia-se na fé, revelação e tradição, oferecendo orientação moral e existencial. Embora essencial para muitos, não se submete a evidências empíricas, tornando-se inadequado como único critério para decisões públicas.



SABER FILOSÓFICO

O saber filosófico busca a essência além das aparências por meio da reflexão, argumentação e problematização.

Baseia-se na relação S-O e no exame crítico do conhecimento. Pensadores como Descartes, Kant, Hegel, Marx, Husserl e Foucault contribuíram com distintas visões sobre essa relação. As principais correntes filosóficas acerca da relação S-O estão relacionadas abaixo.



SABER CIENTÍFICO

Diferencia-se pelo uso de métodos sistemáticos, verificáveis e falíveis. Ele busca explicar os fenômenos com base em evidências empíricas e teorias testáveis. É sempre provisório e sujeito à revisão.

co. Assim, a integração entre diferentes saberes, especialmente o científico, e o desenvolvimento do pensamento crítico tornam-se essenciais para alcançar a superioridade cognitiva em sociedades que aspiram à verdadeira democracia.

RELAÇÃO SUJEITO–OBJETO NAS PRINCIPAIS CORRENTES DE PENSAMENTO

adaptado de Nagashima (2025)

René Descartes (1596-1650): inaugura a filosofia moderna ao colocar o sujeito pensante como fundamento do conhecimento. Com a máxima "Penso, logo existo", ele estabelece a certeza do eu como ponto de partida para entender o mundo, acessível pela razão e por ideias inatas. Assim, separa-se sujeito e objeto, sendo a mente o critério da verdade.

Immanuel Kant (1724-1804): supera o realismo ingênuo ao unir empirismo e racionalismo, afir-

mando que o sujeito estrutura a experiência com categorias *a priori*. O conhecimento não é da "coisa em si", mas do fenômeno, formado pela ação do sujeito. Assim, sujeito e objeto coproduzem o conhecimento, mas este é limitado ao que o sujeito organiza.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831): supera a separação entre sujeito e objeto por meio da dialética, entendendo o conhecimento como um processo histórico em que ambos se interpenetram rumo ao absoluto. O espírito se desenvolve por contradições e superações, unindo sujeito e objeto na autoconsciência. O saber é, assim, uma totalidade em constante vir-a-ser, onde a dualidade se dissolve na unidade do real.

Karl Marx (1818-1883): reinterpreta Hegel de forma materialista, afirmando que o sujeito e o objeto estão alienados no capitalismo. A consciência é moldada pela vida social e econômica, e a supera-

ção dessa alienação exige ação revolucionária. A relação sujeito-objeto é mediada pelas relações de produção e só se equilibra por meio da transformação concreta da realidade.

Edmund Husserl (1859-1938): funda a fenomenologia destacando a intencionalidade da consciência, sempre dirigida a algo. Sujeito e objeto estão inseparavelmente ligados, e a suspensão do juízo (epoché) permite acessar as essências dos fenômenos. O mundo é constituído pela experiência vivida, embora não se reduza apenas à subjetividade.

Ludwig Wittgenstein (1889-1951): afirmou que os limites da linguagem são os limites do mundo. Inicialmente, valorizou proposições lógicas como expressão clara da realidade. Depois, defendeu que o significado vem do uso nos jogos de linguagem, tornando o conhecimento uma prática social. A relação sujeito-objeto é pragmática, mediada pela linguagem compartilhada, sendo inseparáveis na experiência discursiva.

Michel Foucault (1926-1984): critica a centralidade do sujeito, vendo-o como construção histórica moldada por discursos e instituições. O objeto também é produzido discursivamente. A relação sujeito-objeto é política, pois saber e poder são inseparáveis, regulando o que se pode conhecer. Verdades e identidades são construções contingentes e estratégicas, sem essência fixa.

GUERRA HÍBRIDA COMO AMBIENTE ESTRATÉGICO DA PÓS-VERDADE E DA POLARIZAÇÃO POLÍTICA

A guerra híbrida é uma transformação estratégica que ultrapassa o campo militar, impactando esferas políticas, informacionais, culturais e cognitivas, com foco na desestabilização cognitiva em contextos de pós-verdade e polarização. Segundo os Fundamentos Doutrinários da Marinha – FDM (Brasil, 2023), os conceitos de Guerra Híbrida e Zona Cinza desafiam o Poder Naval ao integrarem ações convencionais, irregulares e cibernéticas fora dos limites do direito internacional. A Marinha do Brasil desenvolve esses conceitos, conforme ilustrado na imagem a seguir, que os posiciona no espectro dos conflitos.



Fonte: adaptado de BRASIL. Ministério da Defesa. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. EMA-301 – Fundamentos Doutrinários da Marinha – FDM. 2023.

Autores como Frank Hoffman (2007), Andrew Korybko (2018) e Brin Najzer (2020) evoluíram os conceitos associados à Guerra Híbrida, cada um oferecendo perspectivas distintas, abaixo relacionadas.

Frank Hoffman: a guerra híbrida integra estratégias convencionais, irregulares, terroristas e criminais, atuando simultaneamente nos domínios físico e informacional. Conforme Hoffman (2007), caracteriza-se por sua flexibilidade, ambiguidade e adaptabilidade, sendo especialmente perigosa em democracias suscetíveis à manipulação midiática e política.

Andrew Korybko: Korybko (2018) define a guerra híbrida como uma forma de guerra não convencional voltada à desestabilização de Estados e à mudança de regimes, utilizando protestos, ONGs, mídias e operações psicológicas. Ela explora divisões identitárias e sociais, amplificadas por narrativas pós-verdadeiras disseminadas pelas redes sociais e mídia digital.

Brin Najžer: define a guerra híbrida como uma estratégia de coerção internacional eficiente, de baixo custo e com possibilidade de negação plausível. Representa um desafio sistêmico à ordem liberal ocidental, sendo utilizada por potências revisionistas para testar os limites do sistema internacional sem recorrer a confrontos armados diretos.

A guerra híbrida, especialmente na era da pós-verdade, é um ambiente estratégico centrado na desinformação e manipulação da percepção. A fragmentação cognitiva e a desconfiança institucional são simultaneamente instrumentos e objetivos desse conflito. Nesse contexto, o pensamento crítico e a superioridade cognitiva tornam-se fundamentais não apenas para a educação, mas para a segurança nacional e a soberania democrática. Combater a polarização e a pós-verdade é, portanto, disputar a hegemonia cognitiva por meio da reconstrução ética e racional dos discursos.

PENSAMENTO CRÍTICO COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA À PÓS-VERDADE, À POLARIZAÇÃO POLÍTICA E À GUERRA HÍBRIDA

O pensamento crítico consiste na capacidade de avaliar argumentos com base em lógica,

evidências e honestidade intelectual (Carnielli, 2000; Lima Martins, 2025). Envolve reconhecer limitações pessoais, evitar o autoengano e considerar perspectivas divergentes. De acordo com o modelo de Kahneman (2012), retomado por Lima Martins (2025), o pensamento humano funciona por dois sistemas: o Sistema 1, rápido e intuitivo, e o Sistema 2, lento, reflexivo e analítico — onde se insere o pensamento crítico. Este requer esforço e disciplina, servindo como defesa contra vieses cognitivos, argumentos de autoridade e manipulações emocionais. Tais vieses, como demonstrado por Lima Martins (2025), resultam de heurísticas mentais e estão representados na imagem abaixo.

Em contextos marcados pela pós-verdade, polarização política e guerras híbridas, o pensamento crítico configura-se como uma defesa estratégica. Essas guerras empregam desinformação e manipulação narrativa para conquistar consciências (Hoffman 2007; Korybko, 2018), explorando fragilidades sociais e utilizando a negação plausível (Najžer, 2020). Nesse cenário, a mente humana torna-se o principal campo de batalha, e o pensamento crítico, uma expressão de soberania epistêmica. Além de resistir a manipulações emo-



cionais e discursos dominantes, o pensamento crítico também enfrenta os ataques dirigidos aos “cinco anéis” da sociedade e do indivíduo, como ilustrado abaixo. As redes sociais, por sua vez, funcionam como arenas simbólicas onde algoritmos e campanhas de desinformação alimentam golpes brandos e revoluções coloridas.



Fonte: adaptado de KORYBKO, 2018.

Dessa forma, o pensamento crítico atua como uma ferramenta contra vieses de confirmação, argumentos de autoridade, falácias e manipulações emocionais — mecanismos frequentemente mobilizados em operações híbridas de guerra informacional. Promover o pensamento crítico não é apenas uma questão educacional, mas uma exigência estratégica para proteger a sociedade de colapsos epistêmicos provocados intencionalmente por atores estatais ou não estatais engajados em campanhas híbridas de subversão.

SUPERIORIDADE COGNITIVA COMO CAPACIDADE ESTRATÉGICA

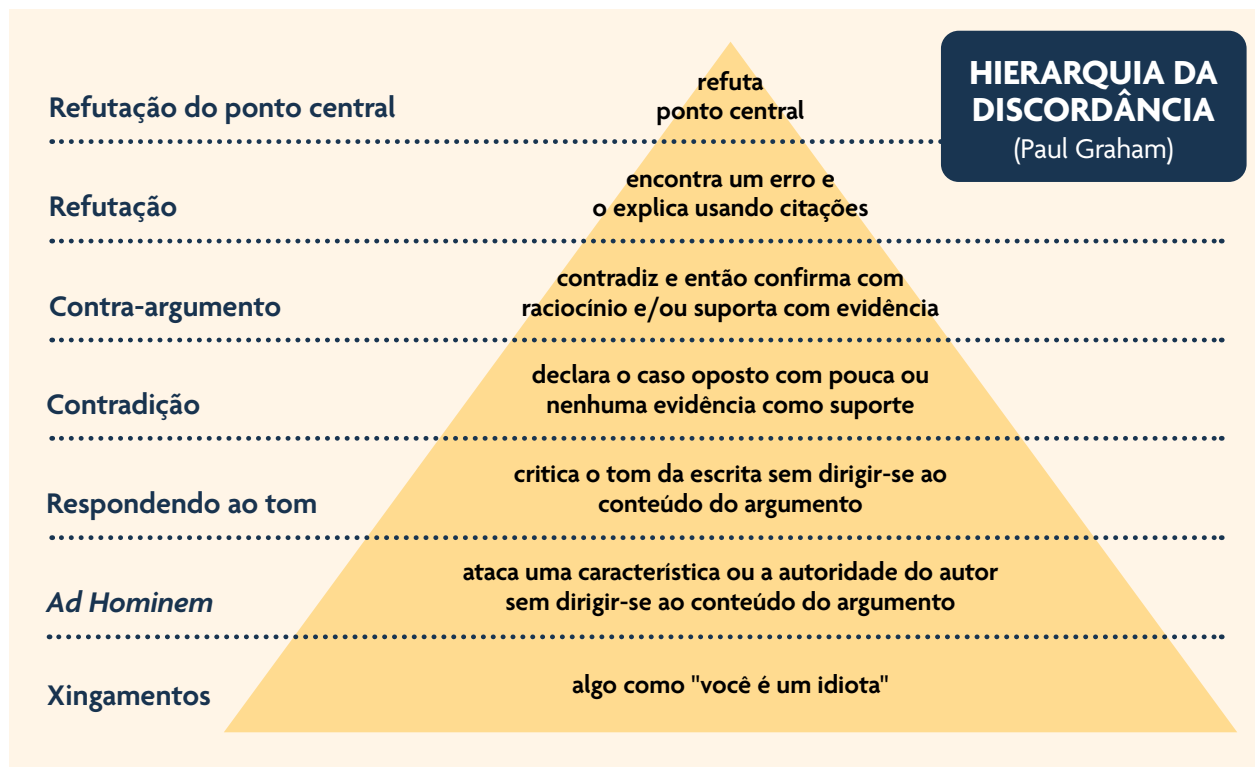
A superioridade cognitiva é definida por Hartley III e Jobson (2021) como a capacidade de perceber, compreender e agir com vantagem em contextos complexos, aplicando-se a áreas como educação, liderança e política. Grant (2021) destaca que essa habilidade exige integração de saberes, leitura de metanarrativas⁽²⁾ e adaptação ágil às mudanças. Em um cenário dominado por dados, algoritmos e propaganda, torna-se um recurso estratégico essencial para sociedades livres. Essa competência é ainda mais crucial diante das estratégias de dominação de espectro total descritas por Korybko (2018), que transcendem o campo militar e abrangem os domínios simbólico, social, informacional e psicológico.

Como complemento, o modelo da **Hierarquia da Discordância**, apresentado por Paul Graham (Lima Martins, 2025 e Graham, 2008) e representado na página seguinte, organiza os níveis de argumentação — desde ataques pessoais até a refutação fundamentada — e contribui para fortalecer a superioridade cognitiva em ambientes marcados pela polarização.

Para responder a esses tipos de ameaças, é preciso formar indivíduos e instituições com discernimento, agilidade mental e sensibilidade ética. A educação crítica e interdisciplinar aparece como vetor dessa formação, com ênfase na articulação entre saberes, interpretação de metanarrativas e habilidade de identificar padrões de manipulação.

CONCLUSÃO

Em um cenário marcado pela pós-verdade e polarização, o fortalecimento dos saberes, do pensamento crítico e da superioridade cognitiva torna-se essencial para a preservação da democracia e da civilidade. Este artigo conclui pela defesa de uma educação emancipadora, que vá além da transmissão de conteúdos e forme cidadãos capazes de interpretar, questionar e agir com discernimento, sobretudo frente às ameaças das guerras híbridas, buscando motivar reflexões que contribuam para uma sociedade mais consciente e resiliente diante dos impactos da desinformação e da manipulação narrativa sobre a soberania nacional e o bem comum. ■



Fonte: adaptado de LIMA MARTINS, 2025 e GRAHAM, 2008

NOTAS

(1) As revoluções coloridas são mobilizações sociais voltadas à mudança de regimes, utilizando redes sociais, organizações não governamentais e mídia. Apesar de aparentarem espontaneidade e caráter democrático, muitas seguem estratégias previamente planejadas, com uso de símbolos e discursos universalistas. Embora comecem de forma pacífica, podem adotar ações mais agressivas se seus objetivos não forem atingidos (Korybko, 2018).

(2) A leitura de metanarrativas é a habilidade de identificar e questionar os grandes discursos que moldam o sentido coletivo, como os de progresso, liberdade ou segurança. Segundo Grant (2021), essa leitura crítica permite reconhecer os interesses e estratégias por trás desses discursos, sendo especialmente relevante em contextos de guerras híbridas, onde o controle narrativo é fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
BRASIL. Ministério da Defesa. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. EMA-301 – Fundamentos Doutrinários da Marinha – FDM. 2023.
CARNIELLI, Walter A. Pensamento crítico. Campinas: Editora Unicamp, 2000.
D'ANCONA, Matthew. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. São Paulo: Faro Editorial, 2017.
DESCARTES, René. Meditações metafísicas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
GRAHAM, Paul. *How to disagree*. 2008. Disponível em: <https://paulgraham.com/disagree.html>. Acesso em: 28 maio 2025.
GRANT, Adam. Pense de novo: o poder de saber o que você não

sabe. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.
HARTLEY III, Dean S.; JOBSON, Kenneth O. *Cognitive superiority: information to power*. Cham: Springer, 2021.
HEGEL, G. W. F. Fenomenologia do espírito. Petrópolis: Vozes, 2008.
HOFFMAN, Frank G. *Conflict in the 21st century: the rise of hybrid wars*. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007.
HUSSERL, Edmund. Investigações lógicas. São Paulo: Edusp, 2006.
KAHNEMAN, Daniel. Rápido e devagar: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. São Paulo: Nova Cultural, 2001.
KEYES, Ralph. *The post-truth era: dishonesty and deception in contemporary life*. New York: St. Martin's Press, 2004.
KORYBKO, Andrew. Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
LIMA MARTINS, Cláudio Luiz de. Pensamento crítico. Escola de Guerra Naval. Curso de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM) 2025. Apresentação em PowerPoint. Marinha do Brasil. 2025.
MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.
NAGASHIMA, O. H. Metodologia para Trabalhos Científicos. Escola de Guerra Naval. Curso de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM) 2025. Apresentação em PowerPoint. Marinha do Brasil. 2025.
NAJŽER, Brin. *The hybrid age: international security in the era of hybrid warfare*. London: I.B. Tauris, 2020.
WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

* Capitão de Mar e Guerra (EN), Aluno do C-PEM 2025 na Escola de Guerra Naval